

ALÉM VISTA

ALÉM-VISTA

O que não se enxerga nem sempre é o que não se vê. A experiência de estar dentro e poder ver o fora proporcionada pela arquitetura de grandes vidros da Casa Gabriel se transformou na premissa da curadoria da exposição, que tomou os aspectos da visão como ponto de partida. Muito antes de entregar uma narrativa, Além-vista é um convite ao exercício do olhar para além dele mesmo, quem se propõe participar, busca nos espaços não definidos aquilo que só se pode ver sem os olhos.

Começando com o espaço externo, a instalação na fachada abre a exposição que se desdobra em pinturas, esculturas, fotografias e objetos. A seleção de artistas com diferentes trajetórias e linguagens nasce de uma articulação fluida de temas com o objetivo de criar ruídos e intersecções entre as obras.

Entre muitos caminhos traçados, é possível distinguir três grandes trajetos através de relações de proximidade - desejo, negação e fragmentação.

Desejo representa um conjunto de trabalhos onde vontade e atração são interrompidos pela distância, imaterialidade ou efemeridade. Esse sutil impasse pode ser observado na luz da *armadilha* que atrai e afasta na instalação de Vicente Brasileiro, nos universos inalcançáveis de Manoel Veiga, na efemeridade do instante eternizado nas fotografias de Luana Lorena, nas presenças etéreas de Patrícia Baik, Brisa Noronha e Nicholas Steinmetz ou no ciclo de movimento fugaz de Lui Beraldo.

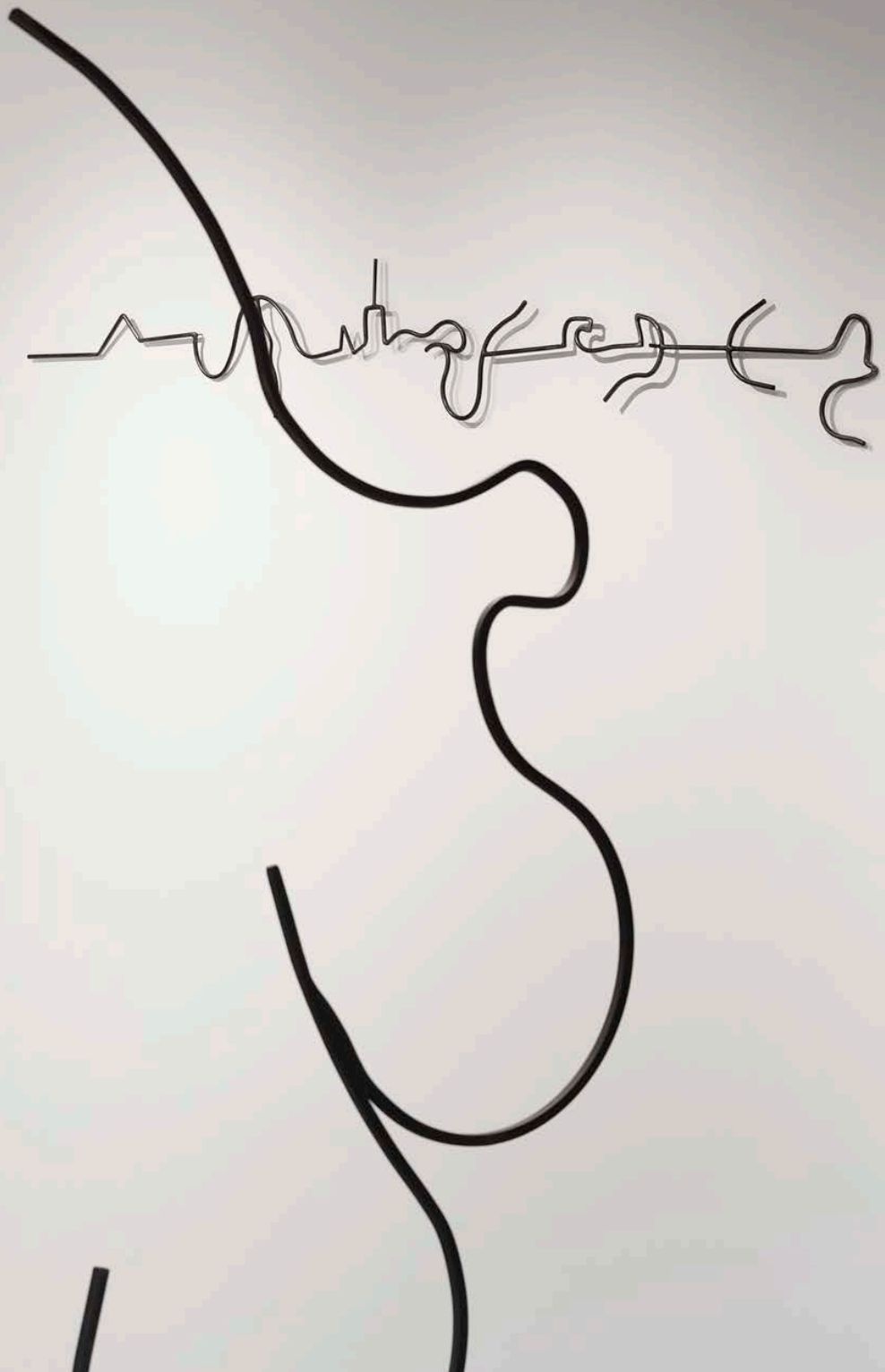
Negação, em contrapartida, inverte a ordem do desejo e tem como princípio o que está escancarado mas não se quer ou não se pode ver. Apagamentos e silenciamentos das histórias da população negra e nordestina retratados por Tiago Sant'ana e Juraci Dórea, memórias guardadas em novelo pontiagudo de Amóri, resquícios de uma educação sistematicamente sucateada de Andréa Hygino, ou as barreiras colocadas na visão de Ícaro Lira dizem um pouco sobre essa ruptura.

Já fragmentação tem as lacunas a serem preenchidas pelo impalpável, como os deslocamentos de cheios e vazios colocados por Vicente Brasileiro, os escritos sem palavras e paisagens transparentes de Rebecca Carapiá, os encaixes de Marcelo Silveira e os seres animaiscos incompletos e desconfigurados de Monica Coster.

Enquanto exercício, como se propõe, tais caminhos não são lineares e apontam cruzamentos entre si, outros ainda podem ser percorridos, desde que criem contatos para além da visão.

teo

curadoria Kura



AMORI

ANDRÉA HYGINO

BRISA NORONHA

ÍCARO LIRA

JURACI DÓREA

LUANA LORENA

LUI BERALDO

MANOEL VEIGA

MARCELO SILVEIRA

MONICA COSTER

NICHOLAS STEINMETZ

PATRÍCIA BAIK

REBECA CARAPIÁ

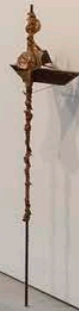
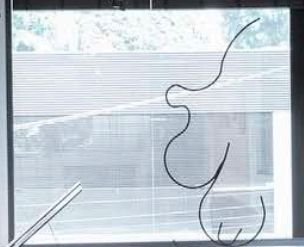
TIAGO SANT'ANA

VICENTE BRASILEIRO



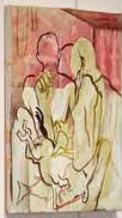
Handwritten text or calligraphy on the wall, possibly a signature or title.





ARTIST'S STATEMENT
EXHIBITION TITLE
ARTIST'S NAME
ARTIST'S BIRTH DATE
ARTIST'S RESIDENCE
ARTIST'S WEBSITE







Handwritten signature or text.



Small text or labels, likely artist information or titles, located below the two small square artworks.



Vicente Brasileiro

Armadilha, 2023

Compensado de madeira, parafusos,
madeira, refletores e corda em sisal

2 x 2 x 2,5m

R\$30.000,00



Mônica Coster
(detalhe)

Mônica Coster
Teta, 2022
Cerâmica, cabo de aço e anilhas
Dimensões variáveis
R\$ 11.700,00





Luana Lorena
Espaço de um dia I, 2019 Ampliação
fotográfica analógica em papel de fibra
9 x 12 cm (cada)
R\$ 5.500,00 (cada)





Tiago Sant'Ana
(detalhe)

Tiago Sant'Ana
2018



Tiago Sant'Ana

Refino #5B (pés), Da série "Ao rés do chão", 2018

Refino #5A (pés), Da série "Ao rés do chão", 2018

Refino #5D (pés), Da série "Ao rés do chão", 2018

Pigmento mineral sobre papel de algodão

22 x 30 cm (cada)

R\$ 10.000,00 (cada)

Patricia Baik
"Nada lhe garante este mundo
parte 2, 2022
Óleo sobre organza, corda de
algodão e madeira
190 x 100 x 35 cm
R\$ 7.500,00





Patricia Baik
(detalhe)



Juraci Dórea
Música e Câmara, 2017
Couro e metal
70 x 11 cm
R\$ 25.000,00

Amori
Sem título, 2023
Ferro, madeira e latex
20 x 100 x 22 cm
R\$ 5.000,00





Amori
(detalhe)



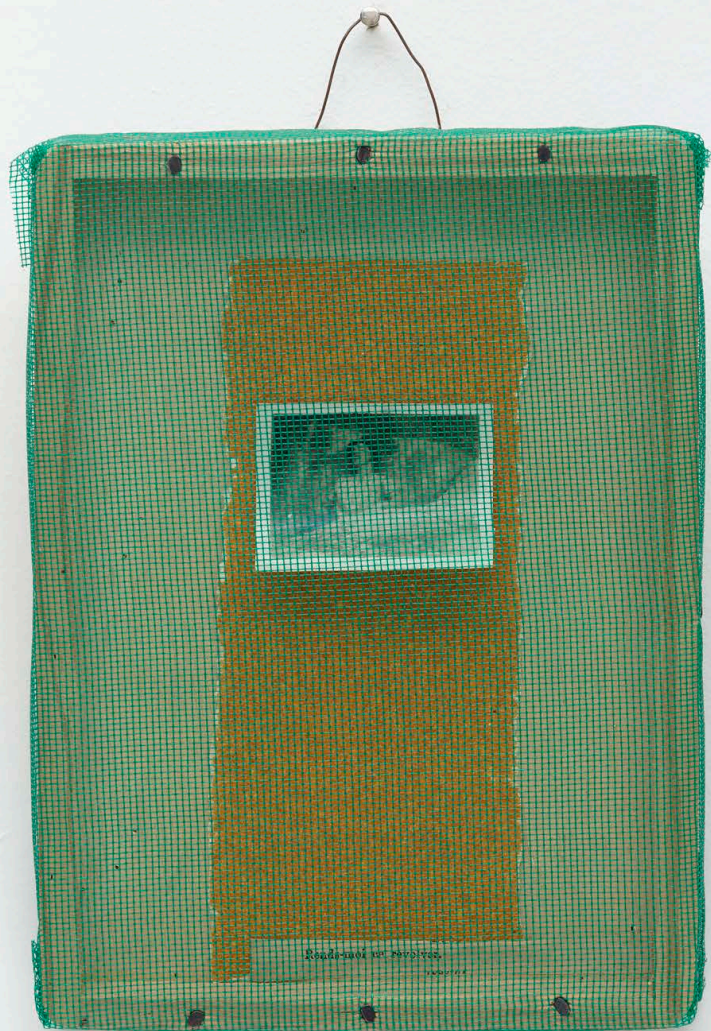
Mônica Coster
Sereia, 2020
Fotografia
30 x 40 cm
R\$ 2.700,00



Ícaro Lira
Sem título, Da série "Museu do Estrangeiro",
2014/2017
Madeira, tela e pedra
22,5 x 16 x 2 cm
R\$ 10.000,00



Nicholas Steinmetz
"Dois ou três"
Acrílica sobre tela
50 x 40 cm
R\$ 2.000,00

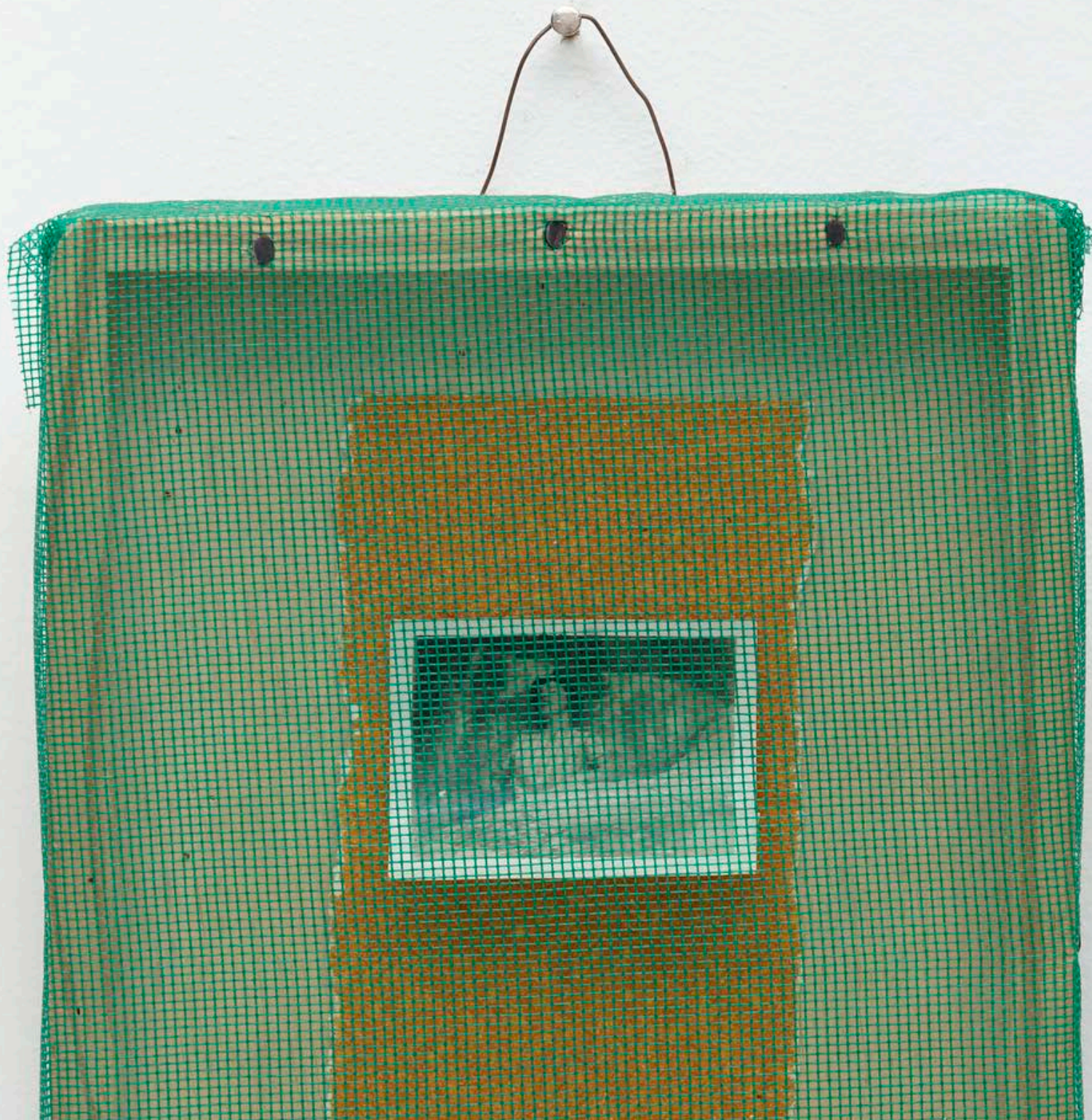


Ícaro Lira

Sem título, Da série Lições da Pedra, 2020
Madeira, fotografia (arquivo familiar), pregos,
arame de cobre, tele de proteção, lixa de
madeira, trecho do livro Les Mains Sales/Mãos
sujas de Jean Paul, edição francesa de 1948

24 x 18 x 3 cm

R\$ 12.000,00



Ícaro Lira
(detalhe)



Brisa Noronha
Sem título, s.d
Óleo sobre tela
30,2 x 38 x 2,2 cm



Andrea Hygino
P.E Matheus Coração Série Prova de Estado, 2013
Xilogravura – tinta tipográfica sobre papel chinês
42 x 60 cm
R\$ 6.500,00



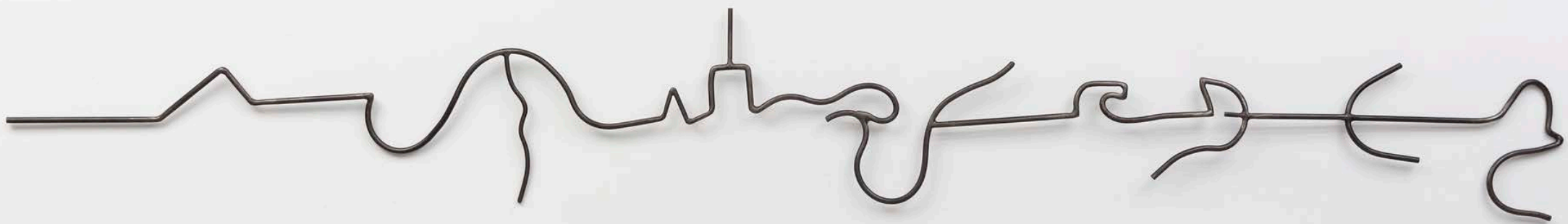
Andrea Hygino
(detalhe)



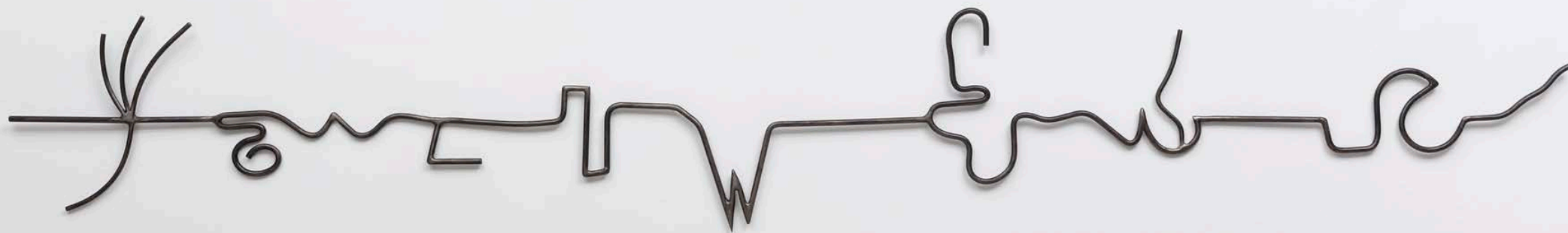
Marcelo Silveira
Dupla XI, 2022
Madeira cajacatinga e couro
160 x 155 x 143 cm
US\$ 50.000,00

Rebeca Carapiá
Palavras de ferro e ar - Escultura 13
Da série: Como colocar ar nas palavras, 2020
Ferro
210 x 97,5 cm
R\$ 30.000,00





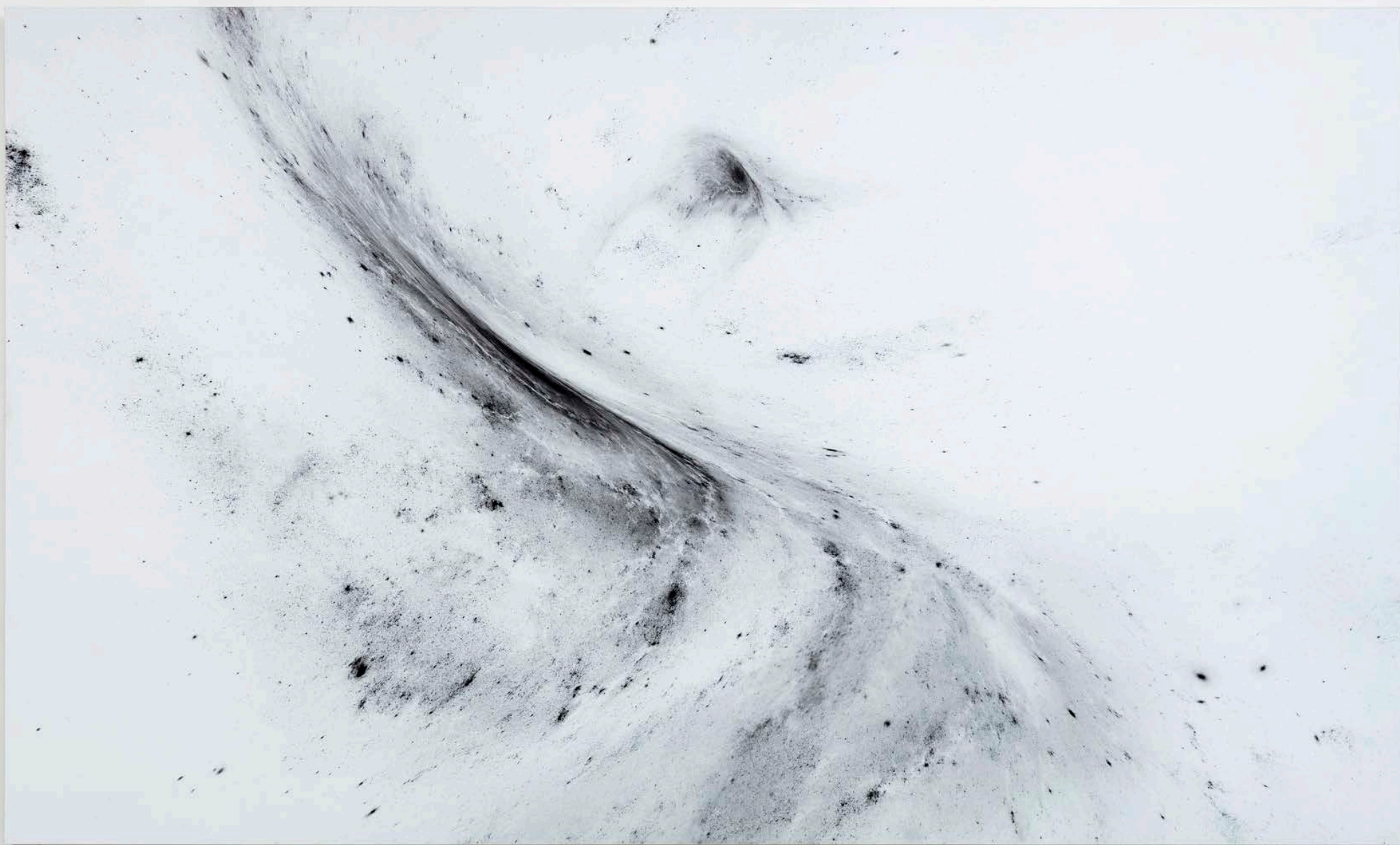
Rebeca Carapiá
Topografias da maré
soterrada X, 2021 Ferro
28 x 205 cm
R\$ 25.000,00



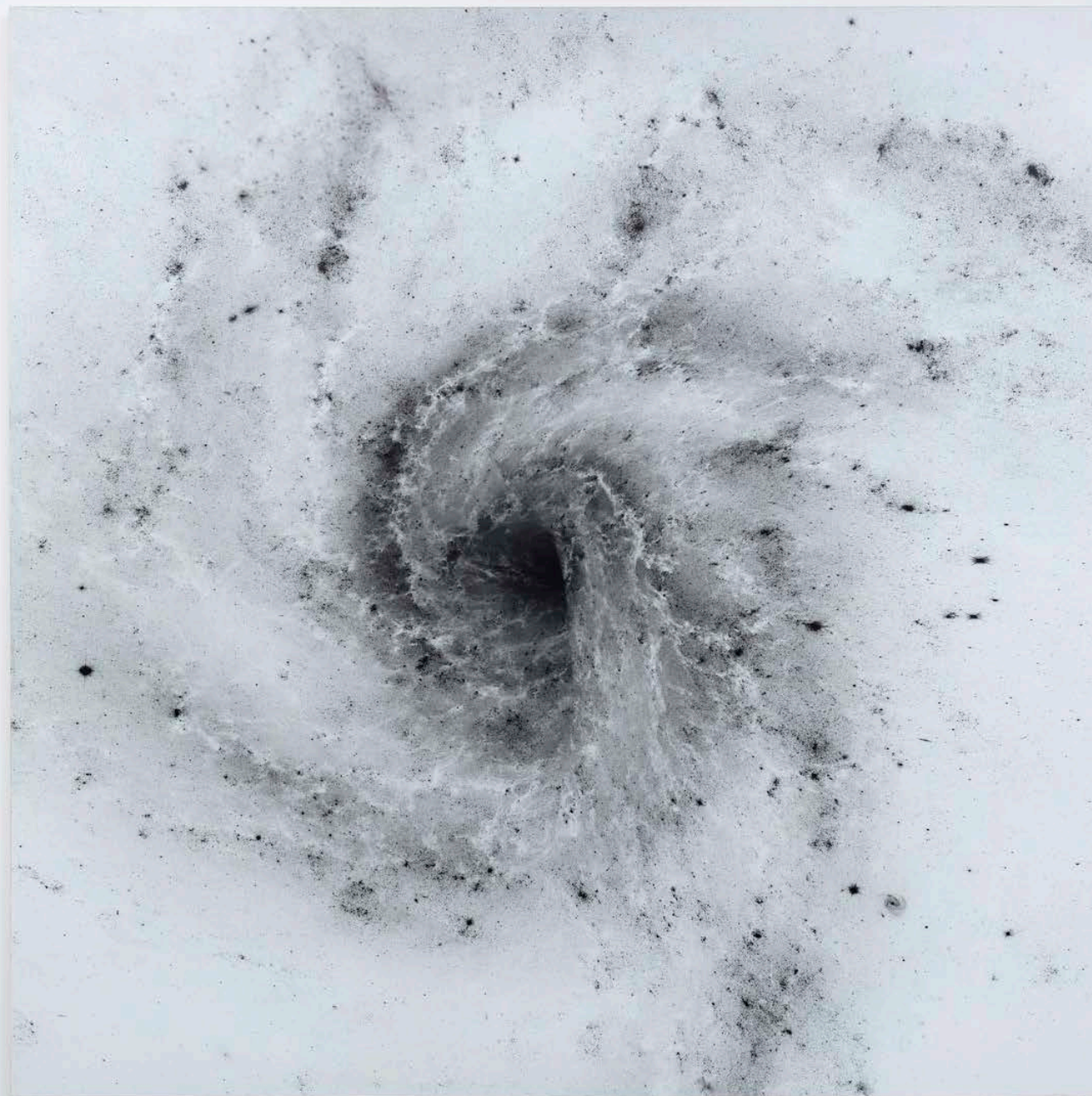
Rebeca Carapiá
Topografias da maré
soterrada IX, 2021 Ferro
30 x 203 cm
R\$ 25.000,00



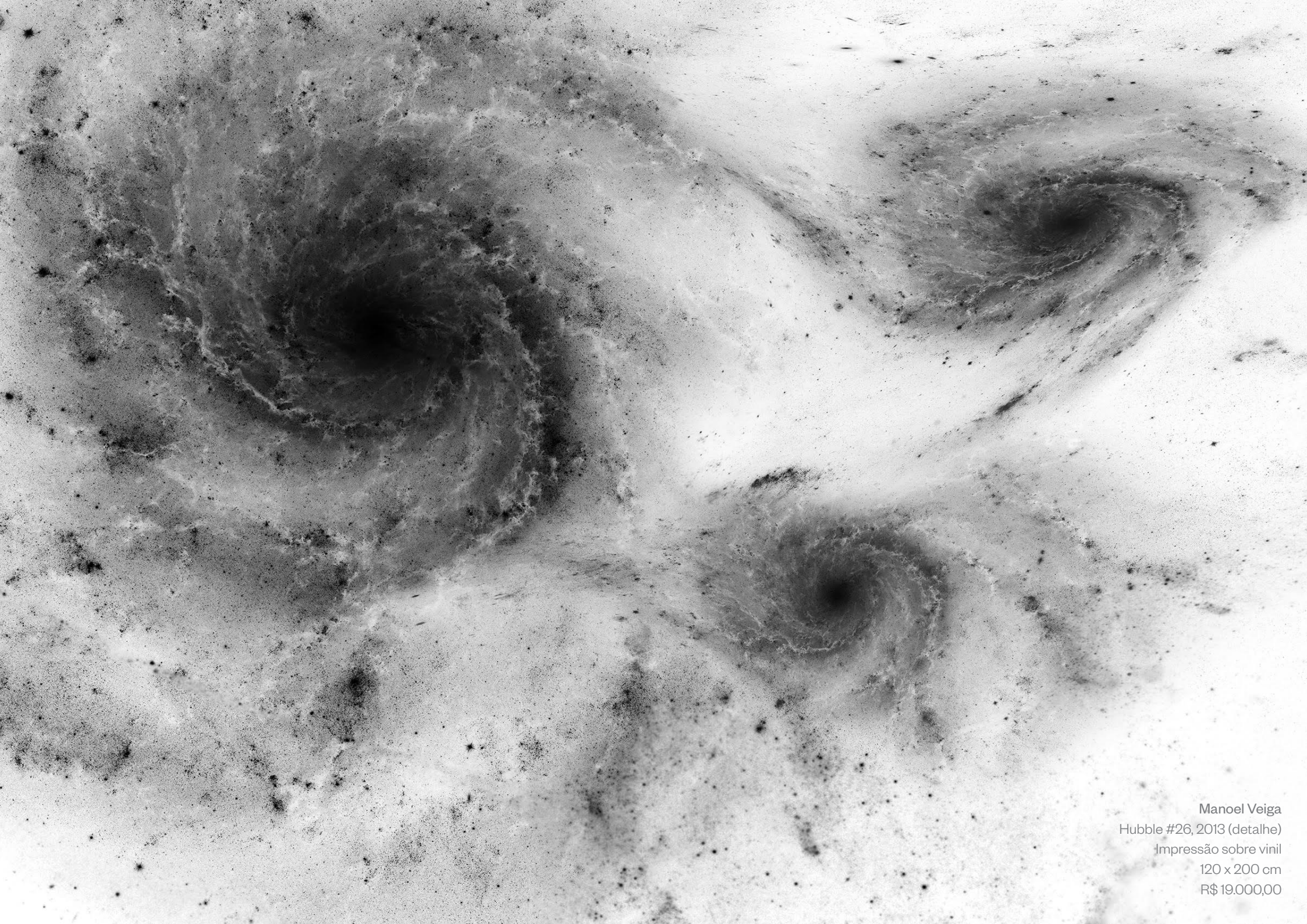
Rebeca Carapiá
Topografias da maré
soterrada IX, 2021 Ferro
16 x 203 cm
R\$ 25.000,00



Manoel Veiga
Hubble #35, 2015
Impressão sobre vinil
120 x 200 cm
R\$ 19.000,00



Manoel Veiga
Hubble #27, 2013
Impressão sobre vinil
145 x 145 cm
R\$ 17.000,00



Manoel Veiga
Hubble #26, 2013 (detalhe)
Impressão sobre vinil
120 x 200 cm
R\$ 19.000,00



Lui Beraldo
"Estudo do movimento"
Forma de alumínio, pó de ferro, motor de
micro ondas, imã
40 x 40 x 25 cm
R\$ 5.000,00



Vicente Brasileiro

Seção 1, 2022

Tinta e massa acrílica sobre compensado de madeira
e aço, corda em polipropileno

120 x 180 x 120 cm

R\$ 7.000,00



Vicente Brasilero
Interseção (Rua Gabriel), 2023
(detalhe)





Vicente Brasileiro

Interseção (Casa Gabriel), 2023

Aço inox, espelho, adesivo em vinil, ventosas de sucção a vácuo e corda elástica em polipropileno

Dimensões variáveis

R\$65.000,00

AMORÍ

Ribeirão, Zona da Mata Sul, PE, 1985

Vive e trabalha no Recife, PE

Amorí cria imagens pensantes e de múltiplas formas, pesquisa carne, tempo e espacialidade, narrando trajetórias de libertação do pensamento e diluição de um corpo por vezes engessado, trabalhando com técnicas e materiais que buscam traduzir a vivacidade desse movimento que adentra a escuridão e tateia formas de existir e cessar com as angústias e tensionamentos da carne a partir da metamorfose do corpo. Recentemente realizou a exposição “A Outros Tempos” no SESC Santo Amaro, Recife, PE. Em 2021, participou da 6ª edição da Revista Propágulo lançada em outubro do mesmo ano. É ainda uma das artistas selecionadas para o programa de desenvolvimento e potencialização artística “Ventre” da HOA galeria, em São Paulo, SP. Participou da exposição “Brasilidade Tridimensional” com curadoria de Carol Ralston no SP-Arte no segundo semestre de 2022.

ANDRÉA HYGINO

Rio de Janeiro, RJ, 1992

Vive e trabalha no Rio de Janeiro, RJ

Andréa Hygino atua como artista visual, arte-educadora e professora. É formada em Artes Visuais, pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, e Mestra em Linguagens Visuais, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Frequentou os ateliês de gravura da Escola de Artes Visuais, EAV, do Parque Lage e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, e foi professora substituta de desenho na Escola de Belas Artes da UFRJ. Atualmente, leciona no Instituto de Artes da UERJ e nos espaços de arte independentes do Estúdio Belas Artes e do Centro Cultural Lanchonete < >Lanchonete. Em 2020 ganhou o Prêmio Seleção de Arte Educação, na categoria Camisa Educação, com o projeto “Saída de Emergência”, feito em co-autoria com a artista Luiza Coimbra.

Andréa produz a partir de diversas linguagens, como o desenho, performance, escultura e fotografia, mas encontra na gravura uma investigação em especial: a operação de gravar uma superfície e produzir uma marca sobre um suporte se revela enquanto vontade de construção de um arquivo de memórias inscritas.

BRISA NORONHA

Belo Horizonte, MG, 1990

Vive e trabalha em São Paulo, SP

Atualmente cursa mestrado em Poéticas Visuais na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. É Bacharel em Comunicação Social pela PUC São Paulo (2015) e em Artes Visuais pela Faculdade Santa Marcelina (2015). Em 2017 recebeu bolsa do programa Freedom to Create, da residência artística Arteles, na Finlândia. Em 2015 foi premiada no 22o Salão de Artes Plásticas de Praia Grande, em São Paulo. Seu trabalho consiste em instalações, pinturas, vídeos e fotografias nos quais a artista pesquisa experimentalmente diferentes materiais e possibilidades de dispor e ordenar objetos produzidos e colecionados.

Brisa acredita que cada material tem uma forma de auto-organização e busca estar atenta a isso. Neste processo, o corpo desempenha uma função importante, uma vez que as obras refletem a combinação entre as particularidades como tamanho, dureza, suavidade, cores e tempo desses materiais e de seu próprio corpo. Assim, com intenção de preservar a elementaridade dos gestos, são encontradas soluções técnicas simples, utilizando principalmente porcelana branca sem esmalte e esquemas como encaixe, arranjo lado a lado e empilhamento. A partir de regras e objetivos estabelecidos na rotina do ateliê, a artista reflete ainda sobre a delicadeza inerente ao trabalho e que está acima de todos os níveis de ordem.

ÍCARO LIRA

Fortaleza, CE, 1986

Vive e trabalha em Fortaleza, CE

Artista Visual, editor e investigador, Ícaro Lira estudou na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, no Rio de Janeiro, Montagem e Edição de Som, pelo Instituto de Cinema Darcy Ribeiro, Rio de Janeiro, e Cinema e Vídeo, na Casa Amarela, pela Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, também participou do Laboratório de Artes Visuais da Escola Porto Iracema das Artes e do PIMASP, Programa Independente do Museu de Arte de São Paulo, em São Paulo.

Nos últimos anos, vem analisando as implicações e os desdobramentos de atos políticos da História Brasileira através de um trabalho documental, arquivista, arqueológico e de ficção. Suas exposições apresentam estruturas similares a pequenos “museus”, onde reúne diversos fragmentos esquecidos, produzindo um sistema de objetos que articula materiais artísticos e não-artísticos, e um conjunto de ações não necessariamente confinadas a um objeto artístico, mas dispersas em exposições, livros, oficinas, debates e caminhadas.

JURACI DÓREA

Feira de Santana, BA, 1944

Vive e trabalha em Feira de Santana, BA

Juraci Dórea é arquiteto diplomado pela Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia e dedica-se às artes plásticas desde o começo dos anos 60. Nesta época, testemunhou a intensa produção cultural resultante do encontro entre a atitude vanguardista e a vivência singular de um território de matriz afro-brasileira. Com obras em vários museus e participações em bienais no Brasil e no exterior, Dórea construiu uma obra coesa que fez convergir linguagens visuais contemporâneas com as raízes e tradições sertanejas.

Sua obra reflete aspectos da civilização do couro, cujos vestígios ainda estão presentes na região de Feira de Santana, onde o artista reside.

LUANA LORENA

Curitiba, PR, 1997

Vive e trabalha em São Paulo, SP

Mulher amarela, nascida em Curitiba - PR, mora em São Paulo desde 2017. Cursa Artes Visuais na Universidade de São Paulo, ECA – USP. Desde 2019 desenvolve uma pesquisa acadêmica sobre a fotografia enquanto material de memória, investigando nesse processo as possibilidades de tradução da memória que se dá na linguagem da fotografia analógica, e aquela que se dá na linguagem da fotografia digital. Em seu trabalho artístico busca tecer pequenas narrativas a partir das imagens.

LUI BERALDO

Campinas, SP, 1997

Vive e trabalha em São Paulo, SP

Lui Beraldo nasceu em Campinas em 1997 e se mudou para São Paulo para cursar Artes Visuais na Universidade de São Paulo, onde se formou em 2021 no bacharelado de Escultura. Atualmente trabalha com montagem de exposições, cenografia e fabricação de objetos na Oficina São João, em São Paulo, SP. Em seus trabalhos artísticos investiga princípios mecânicos para pensar o homem, a civilização e a natureza.

MANOEL VEIGA

Recife, PE, 1966

Vive e trabalha em São Paulo, SP

Manoel Veiga nasceu em agosto de 1966, em Recife, PE, e cresceu na praia de Boa Viagem. Filho mais velho de família pernambucana, desde a infância tornou-se ávido leitor. O desenho também surge naturalmente e ocupa lugar importante no seu desenvolvimento, assim como o interesse pela ciência e pela matemática, que o leva a um contato precoce e intenso com a informática em seus primórdios.

O artista começou a trabalhar com artes visuais na década de 1990 e, em 1997, estudou na Escola Nacional Superior de Belas Artes do Louvre, em Paris, FR. Além disso, esteve próximo do artista Gil Vicente durante seus anos de formação. Seu trabalho passa pela pintura, instalação, intervenções urbanas e fotografia. Participou de exposições em diversos países como na Dengler und Dengler, em Stuttgart, GE, e na galeria D'Est e D'ouest em Paris, FR. Dentre as coleções públicas das quais faz parte, destacam-se a Fundação Joaquim Nabuco, o Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães (MAMAM), SESC Pernambuco, todas em Recife; e os Museus de Arte Contemporânea (MAC) de Goiânia, Sorocaba, SP, e do Paraná.

Manoel acredita que o mais importante não está na técnica utilizada pelo artista, mas na possibilidade de criação de sentido. “Não importa se a manifestação visual se dá em forma de pintura, escultura, instalação ou performance. É assim que percebo de onde surge a necessidade de coerência em arte, aqui entendida como uma busca do artista por uma clareza de intenção que possibilita um aprofundamento de questões do seu interesse e que se materializa em obras com grande capacidade de geração de sentido, de discursos.”

MARCELO SILVEIRA

Gravatá, PE, 1962

Vive e trabalha em Recife, PE

Marcelo Silveira produz trabalhos com repercussões tanto no campo da escultura quanto dos objetos apropriados. Com sua hibridez local, o trabalho do artista ocupa um espaço entre: metade dentro e metade fora do museu. A acumulação é uma das suas estratégias favoritas: objetos remanescentes de aparelhos domésticos descaradamente esvaziados de qualquer uso funcional, mas que parecem carregar significados; esferas feitas de vários materiais e tamanhos diversos, imóveis, como se esperassem algum evento anunciado; centenas de objetos de vidro (copos, garrafas ou meros cacos), etc. Esses objetos convergem nas grandes coleções e livros de artista de Marcelo. De fato, a idiossincrática organização do artista é fundamental para sua produção, permitindo, por meio de uma certa ordem, que o outro entre no seu trabalho.

“Armazém República” (2004) é uma instalação composta de, no mínimo, dois segmentos distintos, que compartilham, com exceção do nome, a mesma estratégia de construção. Em um desses segmentos, uma centena de peças esculpidas em madeira são presas ao teto com faixas de couro, esperando por algum uso improvável. Em outro segmento, uma centena de objetos (copos, potes, espelhos, garrafas, vasos, lâmpadas e cacos quebrados) são organizados em prateleiras, formando um painel vertical e frágil contraposto pela horizontalidade opaca e robusta dos objetos de madeira pendurados acima.

MÔNICA COSTER

São Paulo, SP, 1995

Vive e trabalha no Rio de Janeiro, RJ

Em seu trabalho, Mônica Coster investiga os processos de digestão e decomposição, explorando o interior digestivo humano como um sistema que se expande para outros seres e arranjos biossociais ligados à comida. Cerâmica, alimentos e materiais vivos são elementos recorrentes em suas esculturas e instalações. A artista possui graduação em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, mestrado em Artes pela Universidade Federal Fluminense, em Niterói, RJ, e participou de diversas exposições coletivas, entre elas: “I Prêmio Vozes Agudas” (artista premiada), Galeria Jaqueline Martins, em São Paulo, SP; “Siete Performances, o nueve”, Galeria Isabel Hurley, Málaga, Espanha; e “Abre Alas 18”, Galeria A gentil carioca, Rio de Janeiro, RJ.

NICHOLAS STEINMETZ

São Paulo, SP, 1996

Vive e trabalha em Curitiba, PR

Nascido em São Paulo, SP, em 1996, Nicholas Steinmetz passou grande parte de sua vida na cidade de Curitiba, PR, onde se formou em Design Gráfico pela PUCPR. Sua trajetória como artista se iniciou no mundo dos quadrinhos e das publicações independentes (zines) em 2018. Em 2020 iniciou a mentoria com o curador Lucas Velloso, junto ao grupo BASA2, no qual investigam a interlocução dos quadrinhos com o mundo da arte contemporânea. Trabalhou como mediador educativo no Museu do Holocausto de Curitiba de 2019 até 2022.

Por meio de pinturas e desenhos, Nicholas constrói seu próprio imaginário a partir de um repertório de figuras que contemplam uma virilidade fictícia, explorando assim temas como gênero, sexualidade e estruturas sociais.

PATRICIA BAIK

São Paulo, SP, 1996

Vive e trabalha em São Paulo, SP

Patricia Baik é artista visual, mora e produz em São Paulo e trabalha com instalação, pintura e desenho. Tem interesse em investigar o trânsito de identidade transcultural por meio da auto-ficção. Bacharel em Artes Visuais pelo Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, São Paulo, SP, a artista participou do estande ROTAS na SP-Arte (2018), expôs no Museu da Diversidade Sexual (2018 e 2020) e realizou uma exposição solo no Espaço Simplesmente (2019). Integrou a exposição coletiva pela Piscina Arte, “DILUIÇÃO DO EU: COMO SE NARRA O INDIZÍVEL?” (2021), e da exposição “Form 2021” pelo CICA MUSEUM em Gyonggi-do, Coréia do Sul. Em 2022 participou da coletiva “DODODO” no espaço Gruta, “dataBASA” no Espaço Canto e da exposição “Ao Dentro” com Bel Ysoh no Espaço 25M. Foi residente em 2019 do programa de Residência Artística de Práticas Contemporâneas pela School of Visual Arts em Nova York, USA.

REBECA CARAPIÁ

Salvador, BA, 1988

Vive e trabalha em Salvador, BA

Rebeca Carapiá nasceu na cidade baixa, Salvador, Bahia. Artista visual formada pela Universidade Federal da Bahia, se interessa pelas relações produzidas entre a linguagem, o conflito, o corpo e o território. A partir da experiência e cotidiano no bairro do Uruguai, espaço que a constitui como artista, vem criando e organizando um conjunto de práticas e reflexões através de diferentes plataformas de exibição, formação e experimentação artística, visíveis e invisíveis ao circuito da arte contemporânea.

A artista cria através de esculturas, desenhos, instalações, gravuras, textos e objetos uma cosmologia em torno dos conflitos das normas da linguagem e do corpo, além de ampliar um debate geopolítico que envolve memória, economias da precariedade, tecnologias ancestrais, dissidências sexuais e de gênero e as relações de poder entre o discurso e a palavra. Performando a desconstrução das geografias dos femininos, recorre à experiência com serralheria e materialidades como o cobre e o ferro para confrontar os discursos hegemônicos da arte e da política.

VICENTE BRASILEIRO

Maceió, AL, 1985

Vive e trabalha em São Paulo, SP

Vicente Brasileiro é bacharel em Artes Visuais pela Universidade de São Paulo e também bacharel em Ciência da Computação pela Universidade Federal de Alagoas. As relações de equilíbrio (e desequilíbrio) de forças são centrais em sua pesquisa artística, seja em arranjos tridimensionais nos quais essas relações são visualmente verificáveis, seja quando utiliza outras linguagens, como o desenho e a fotografia, para aludir a essas relações.

TIAGO SANT'ANA

Santo Antônio de Jesus, BA, 1990

Vive e trabalha em Salvador, BA

É artista visual, curador e doutorando em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal da Bahia. Seus trabalhos imergem nas tensões e representações das identidades afro-brasileiras, entendendo as dinâmicas coloniais que envolvem a produção da História e da memória. Foi premiado com a Bolsa de fotografia ZUM do Instituto Moreira Salles (2021), laureado com o Soros Arts Fellowship (2020), vencedor do Prêmio Foco ArtRio (2019) e um dos indicados ao Prêmio Pipa (2018). Participou de exposições nacionais e internacionais destacam-se as recentes: “Encruzilhada”, Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador, BA, com curadoria de Daniel Rangel e Ayrson Heráclito, “The silence of tired tongues”, Framer Framed, Amsterdam, NL, com curadoria de Raphael Fonseca, “Vários 22”, Galeria Arte132, São Paulo, SP, com curadoria Lilia Schwarcz. Em 2021, sua individual “Irmãos de barco”, na Galeria Leme, São Paulo, SP, com texto de Moacir dos Anjos. “Rua!” e “O Rio dos Navegantes” (2019), no Museu de Arte do Rio, RJ, “Histórias afro-atlânticas” (2018), no MASP e Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, SP, “Axé Bahia: The power of art in an afro-brazilian metropolis” (2017-2018), no The Fowler Museum, LA, USA, “Negros indícios” (2017), na Caixa Cultural São Paulo, SP, e “Reply All” (2016), na Grosvenor Gallery, UK.

Foi curador-assistente da 3a. Bienal da Bahia (2014), além de ter organizado outras mostras como “O espaço dividido” (2019), “Kauris” (2019), “Concerto para pássaros” (2019), “Vamos de mãos dadas” (2018), “Campo de Batalha” (2017) e “Future Afro Brazil Visions in Time” (2017).

Suas obras fazem parte de acervos públicos como o do Pinacoteca do Estado de São Paulo, Museu de Arte de São Paulo, Museu de Arte do Rio, Museu de Arte Moderna da Bahia, Casa de Cultura da América Latina e Denver Art Museum. Foi professor substituto do Bacharelado Interdisciplinar em Artes na Universidade Federal da Bahia entre 2016 e 2017.

Casa Gabriel Espaço de Arte

Direção

Renata Vale

Gerência Geral

Marcia Lontra

Consultoria

Mirella Havir

Produção

Beatriz George

Financeiro

Pedro Freitas

Curadoria

Kura

Texto

Teo

Expografia e Catálogo

Paloma Vasconcellos

Galerias parceiras

Jaqueline Martins

Nara Roesler

Galeria Leme

HOA

Dan Galeria

Montagem

Projeta Produções Culturais

Iluminação

MMV

Impressão

Select Color

Fotos

Everton Ballardin

Transporte

Alves Tegam

Seguro

Affinité Corretora

Sobre a Casa Gabriel

A Casa Gabriel é um espaço de arte focado em fomentar a cultura brasileira, com ênfase na produção nordestina e em novos talentos. Fundada pela empresária e fotógrafa cearense Renata Vale, a Casa Gabriel nasce como um local para estimular a pluralidade de manifestações artísticas e disseminar conhecimento, por meio de exposições, cursos e conversas que compõem a programação da Casa Gabriel.

Sobre a Kura

Fundada em 2018 por Camila Yunes Guarita, a KURA é uma empresa de consultoria que tem como missão aprofundar a conexão de pessoas e empresas com a Arte, orientando na aquisição e venda de obras de arte, além de trabalhar na gestão de coleções particulares e institucionais e na criação de projetos e experiências únicas neste universo.

Através de uma equipe especializada e multidisciplinar e uma rede de parceiros que incluem os principais agentes do mercado (artistas, galerias, casas de leilões, feiras, museus e instituições), a KURA atua com transparência e profissionalismo atendendo seus clientes de forma personalizada.



Vicente Brasileiro
Armadilha, 2023
(detalhe)